

IV

PÚBLICO VERSUS PRIVADO: A IMPORTÂNCIA DO RESGATE DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS MULHERES PARA ACESSAR O SABER DA EXPERIÊNCIA *

Débora Priscila de Oliveira

Introdução

Ao refletir historicamente sobre o percurso da mulher é identificável sua naturalização situada no silêncio, nos detalhes quase que ocultos de uma retratação velada em que seu lugar de praxe está frequentemente destinado ao privado, que consiste na condição do lar, dedicando-se aos cuidados dos filhos e aos afazeres domésticos.

Onde o espaço público por um longo tempo, não se destinava a atuação das mulheres de forma visibilizada ao passo que a presença de registros que evidenciam a mulher no âmbito de uma política institucional, e no reconhecimento das articulações cotidianas desta enquanto responsável pela produção e manutenção da vida, garantindo o sustento familiar e em núcleos sociais sua manifestação em relação aos posicionamentos políticos, são muito escassos. Deste modo a filósofa e teóloga feminista Ivone Gebara, transcrita pelo recorte de Rago, em um dos depoimento presentes em seu livro *A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade*, nos convida a observar uma outra ótica capaz de sinalizar uma vasta dimensão da presença e atuação política das mulheres no cotidiano por meio da partilha de suas habilidades ao dizer:

Creio que a compreensão comum da palavra política parece limitada a certos espaços de atuação e a certas atividades que tocam um nível amplo de relações mais ou menos impessoais, reconhecidas como espaço público. [...]. Além disso, há outros espaços políticos

*DOI - 10.29388/978-65-86678-12-3-f.79-92

para além da casa que não são reconhecidos como tais e que são o campo de atuação cotidiana das mulheres. Escolas, creches, organizações de bairro, organizações de saúde e cozinha alternativas, em Igrejas, nas artes plásticas e em muitos outros lugares onde a cotidiana atuação feminina tem feito “cultura” e sustentado a vida da família, das crianças, dos jovens, das pessoas idosas e dos doentes. (RAGO, 2013, p.260).

Com esta consideração sobre a atuação cotidiana da mulher que promove uma cultura capaz de valoriza a vida, nos permite destacar que a força de promoção da vida manifestada pela mulher, nada traz de comodismo e submissão a figura feminina, mas de libertação onde o passado e as pequenas ações do cotidiano nos permitem hoje uma releitura dos papéis exercidos pelas mulheres. E a força política de tais papéis enquanto ações que promovem a ressignificação do lugar e do poder da mulher na sociedade.

E no fluxo deste movimento, o recorte escolhido para realizar uma pesquisa sobre a atuação das mulheres a partir dos cuidados desempenhados por suas mãos enquanto uma das manifestações de poder e saber também políticos, foi o resgate sobre a prática do benzimento e curandeirismo.

Olhar para o trabalho e o conhecimento desempenhado por mulheres desde o período colonial no Brasil, é também evidenciar nos pequenos gestos e ações uma outra visão sobre o papel das mulheres no tempo e na produção do espaço histórico, em que a condição da mulher em meio a relação público-privado tem sido desde longa data o silenciamento, a invisibilidade de sua presença e seu saber-fazer.

É neste sentido que a leitura de historiadoras como Michele Perrot nos convida a repensar a importância deste exercício de retomada histórica, buscando revisar a presença das mulheres e suas atuações na movimentação que germinou feitos e promoveu vidas, em detrimento da falta de registros e espaços de fala, muitas histórias se esvaíram pelo tempo, e deste modo refletir sobre a história das mulheres tem se tornado necessário recuperar nossas referências e tecer as linhas que nos permitem nos reconhecer, saber de nossas raízes ao escavar nossas histórias, as

histórias de mulheres que o vento do silêncio hoje vem nos despertar. Como as palavras de Perrot.

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história? A questão parece estranha. “Tudo é história”,[...]. Por que as mulheres não pertenceriam à história? Tudo depende do sentido que se dê à palavra “história”. A história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso. Os ingleses distinguem *story* e *history*. As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. (PERROT, 2012 p.16)

E neste sentido trazer luz ao registro da presença das mulheres na história, é também de certo modo olhar para inúmeras vidas submersas no esquecimento destinado a massa da humanidade, anulada pelo silenciamento. Que traduz os vestígios da invisibilidade da mulher no retrato oficial da história, em que sua presença é muitas vezes despercebida, esquecida e velada pela opressão patriarcal que se estende até os dias atuais.

Na medida em o regulamento e a manutenção de papéis sociais e ideologias dominantes relegam o corpo feminino como propriedade da figura masculina, onde a desconstrução de subjetividades opressoras neste movimento de resgate da autonomia e libertação da mulher é também vista como uma ameaça, ao passo que as pautas feministas ao trazerem a questão do aborto, ainda remetem a posição de propriedade deste corpo sobre responsabilidade do estado, enquanto defesa da criminalização do aborto sem a problematização das causas e efeitos do ato em questão, que desapropria mais uma vez na história o direito da mulher sobre seu próprio corpo.

Pensar acerca do corpo feminino a partir de um determinado recorte histórico, ainda nos conduz a refletir sobre a prevalência de muitas

posições destinadas as mulheres determinadas pelos papéis sociais no contexto atual, mas, por outro lado, também nos permite reconhecer que este movimento de resgate histórico é também um grande avanço para a emancipação das mulheres. Ao sinalizar as margens da história é possível viabilizar a existência das mulheres e o curso que promoveu o silenciamento engendrado sobre elas, e neste caminho compreender o que move o silêncio é o medo e o isolamento, onde as perspectivas de escolhas e de identidade são roubadas, restando a impotência e as ausências.

A história de vida: porta para o campo dos saberes

E para atravessar essa lacuna do silenciamento, objetivo desta escrita é se voltar para as pistas da história de vida, onde o trabalho de pesquisa com o benzimento também se torna a oportunidade de observar novas possibilidades de acessar a história e atuação das mulheres em nossa sociedade. Neste trabalho trago uma prévia do movimento que foi adentrar o espaço privado da vida de uma benzedeira, e por meio desta porta reconhecer o público que sua ação social foi capaz de atender e atingir com seu saber fazer.

Aprender com as mulheres, ouvir suas histórias e observar seu saber fazer, é um instrumento muito potente capaz de revalorizar a vida, e as relações a partir de sutilizas, muito revolucionárias. Pois a cura para todo mal vem ao encontro do alinhamento dos afetos, das emoções, de um bem fazer sem interesse, nem competição. Esta lógica, este modo de pensar e ser, é totalmente oposta a ideologia patriarcal, que classifica pessoas enquanto coisas, propriedades que se precisa acumular e manter a qualquer custo.

A questão metodológica que atravessou este processo de pesquisa que se aventurou pelos caminhos que se distanciam de um olhar fechado, com o propósito restritamente quantitativo, tornando-se distante, duro e ausente das linhas da vida e sua organicidade. Este percurso se permitiu acessar uma coleta não apenas de dados e informações, mas de saberes, afetos e emoções que traduziram um conhecimento, que só poderia ser registrado no jogo da linguagem a partir do sentido vivenciado, onde descrever é conversar, refletir é aprender a também saber fazer.

Pois são com as palavras escritas que o registro dessa vivência de pesquisa traz ao plano do entendimento comum, as lembranças e as pistas do que foram os encontros de campo na prática do benzimento.

Dos reflexos da empatia intelectualiva ao resultado que se reverberou a partir da descrição implicada e analítica da subjetividade em contato com a subjetivação das trocas entre a narradora e a interlocutora, num movimento de interação do Ser no mundo e do mundo em si no Ser.

O investimento na escrita narrativa foi uma escolha na intenção de demarcar o território dos encontros e da partilha desta história de vida, considerando seu valor enquanto registro e instrumento político na luta pela ressignificação da vida, trazendo para o campo de batalha dos saberes, autores como Walter Benjamin e Ecléia Bossi, pois estes defenderam a tradução das histórias na medida de seu valor inestimável, em que uma vida em sua experiência acumulada nos oferece seus ensinamentos, para refletir sobre as questões que configuram as contradições cotidianas, ascendendo as contradições do social.

Olhar para uma história de vida, é um movimento que emerge de uma preocupação com a posição da pesquisadora e do pesquisador implicado as relações de contato com a experiência do colaborador/interlocutor, mas também no que passa a resultar da sua vivência com todo o processo da pesquisa, na condição de ouvinte das narrativas, e posteriormente de condutor da experiência atravessada pelo trabalho de campo ao oferecer um modo de leitura de todo esse processo que passa contribuir para com o campo da educação.

Esta reflexão se lançou a experimentação e questionamentos, do qual muitas arestas se abrem, mas creio que uma tangente entre elas já tenha sido possível vislumbrar, com uma via de acesso a tantas outras experiências, que se deparam com a preocupação da presença e da permanência das memórias, como referência de mundo, de valores, de técnicas de cuidados. Referências tão importantes, principalmente pela carga de contextualizações e emergências de suas atuações, ao expressarem muitas marcas que se anunciam nas expressões silenciadas diante dos átrios da vida.

Artefato fundamental para a narrativa, observado neste processo, assim como no trabalho de Ecléia Bosi, foram as principais pistas do mé-

todo de abordagem, que levaram ao contato direto com seus recordadores, delineando o limiar responsável pela formação de um vínculo de confiança e amizade. É preciso destacar que este vínculo não ocorre de modo espontâneo, ele se dá como resultado de “um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito”.

Neste ponto Bosi (1994) reflete sobre o fenômeno da pesquisadora e do pesquisador participante, sobre o qual passou a se reconhecer e definir que em casos como de sua experiência de trabalho em que emergiu uma relação intersubjetiva entre o sujeito e o objeto da pesquisa. Ao passo que a pesquisadora e o pesquisador se permitem afetar, sofrer e se modificar de maneira irreversível, mergulhando no processo pelo qual passa a chamar de comunidade de destino, pois este processo anula a possibilidade de retorno do pesquisador a condição anterior, devido ao resultado da experiência provocada pela pesquisa. Trazendo as palavras de Ecléia Bosi:

Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida. A expressão “observador participante” pode dar origem a interpretação apressada. Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes. (BOSI, 1994, p.38).

Além do alerta sobre a delicada trajetória da pesquisa, ao se referir a relação que se consolida com os encontros entre o pesquisador e o recordador, Bosi (1994) traz uma outra preocupação, que está nos limites entre o narrador e o registro de suas memórias. Este procedimento se deu por meio da contação oral das memórias e a transcrição realizada pela pesquisadora, colhidas por meio da gravação do fluxo da voz.

Neste momento de contato com a experiência de narrar as memórias, Ecléia Bosi traz a preocupação com o entendimento destas memórias, o que lhe possibilita pensar sobre este conceito carregado de

vida.

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Freqüentemente, as mais vivas recordações afluíam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito. (BOSI, 1994, p.39)

A questão central da metodologia pelo caminhar deste trabalho de pesquisa foi o regaste da narrativa. Colhido por meio da história oral, na medida em que os registros dos encontros com a D. Alzira foram se permitindo, conforme o acordo com a benzedeira (OLIVEIRA, 2018).

D. Alzira foi a mestra com quem me encontrei, ouvi e aprendi a benzer, ao longo das conversas trançadas nos momentos da escuta, na intenção de ressignificar as relações da educação, por meio da sua transmissão de saberes. É importante considerar que esta proposta metodológica não pressupõe um fechamento do olhar sobre as narrativas apresentadas, mas uma abertura de espaço para esta experiência de vida observada e registrada. A qual permitiu uma tradução e reconfiguração polifônica da vida, do estar vivo e por meio disso buscar novos sentidos ao curto espaço de existência e duração do tempo em que se constitui a vida.

E mediante o apoio teórico, que as margens deste processo se aventurou a ler, em busca dos saberes que se configuraram em diálogos com as marcas partilhadas pelas palavras de Walter Benjamin (1994) e Jorge Larrosa (2016) acerca da experiência que busca resultar na significação da vida, do que por ela se preserva e em nome dela continuar a carregar enquanto tarefa da oralidade e missão das narrativas.

Considerações finais

Para concluir a reflexão sobre o gênero e a natureza da narrativa, talvez seja interessante olharmos com delicadeza a reflexão sobre “O narrador” levantada por Walter Benjamin, que se fez muito precisa no momento em que se desencadeou a necessidade do resgate pelo do tem-

po vivido, na medida em que suas considerações sobre a obra de Nikolai Leskov apresenta uma atenção singular ao papel da experiência de narrar, que “está em vias de extinção” pois as pessoas que se colocam a narrar encontram-se diante de uma invisibilidade crescente. Ao passo que a reflexão aponta a diferença entre o espaço da narrativa e o da informação, e este último em disputa se fortalece a partir do avanço do modo de vida moderno, urbano e mediado pelas relações vazias e efêmeras do capitalismo.

O espaço da informação é efêmero e ao mesmo tempo vazio, impondo de maneira invasiva e minuciosa o esvaziamento da experiência. E o prejuízo que se inaugura frente ao distanciamento da experiência de narrar, enquanto privação da “faculdade de intercambiar experiências”, configura-se na desvalorização da sabedoria, que é o legado da experiência de vida. De acordo com Larrosa (2016) o status da experiência é algo intenso, e que deixa marcas a partir do acontecimento, daquilo que permanece.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA, J. 2016, p.18).

A perda da experiência não é um prejuízo individual, mas coletivo na medida que atinge o que é mais valioso na caminhada da humanidade, é o distanciamento da transmissão dos valores que modelam a afetividade no desenvolvimento humana, é o que auxilia as pessoas a lidarem com os fluxos de suas emoções. Neste sentido, o prejuízo é um esvaziamento do tempo onde as referências de uma gênese passa a ser roubada pela velocidade de uma vida ou de um simples desejo, e todo encantamento de sua origem carregada de valores afetivos e sociais, que definem os comportamentos e os pensamentos são devastados, furtados,

restando a superficialidade sem as raízes que permitiriam elucidar muito do que se carrega na produção e reconfiguração do presente.

Assim Benjamim também denuncia as consequências de uma escassez da experiência.

Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda. (BENJAMIN, 1997, p.116).

Deste modo compreender os efeitos acarretados pela pobreza de experiência é um posicionamento crítico frente ao curso de uma história oficial, que se ocupa pura e simplesmente a retratar apenas o status dos vencedores, daqueles que atropelam a vida e regulam a visibilidade dos modelos de dominação, é neste sentido que a denúncia do ocultamento responsável pela alienação se faz precisa, por impedir o reconhecimento de alguém ou de um grupo com sua cultura, seus valores, suas heranças ancestrais e que deste modo passa a implantar o vazio de uma existência, norteador por um modo de vida bárbaro, sem apreço pelos detalhes do tempo vivido, pelos valores germinados no afeto, tornando-se pobre de experiência.

Onde o passado perde sua riqueza e o presente segue sem um rumo norteador, contar e ouvir histórias é exercitar o espírito da reminiscência, que desde os povos antigos como os gregos carrega a função tradicional da transmissão dos acontecimentos perpassando geração em geração.

E nesta missão a permanência de toda uma tradição, como nas grandes epopeias de Homero permanece o legado de um povo, os valores e as normas de uma cultura e a referência para se pensar elementos memoráveis que ainda permanecem, enquanto subsídio ao pensamento contemporâneo.

E ao observarmos as causas responsáveis pelo esvaziamento da experiência, atualmente a disputa da informação pelo espaço da vida cotidiana tem limitado o tempo da arte de narrar, o saber tornou-se conhecimento, e essa troca de categorias não são correlatas segundo Larrosa

(2016), pois o saber neste sentido vem com a sabedoria, com o amadurecimento da experiência de vida. Mas se o tempo se torna efêmero, como esperar que aconteça o processo da experiência? Assim o conhecimento passa a ser preenchido pela informação, e esta não deixa margem para a experiência. Estar informado é acumular informação sobre algo, é como um processo quantitativo soma de dados, mas toda essa disposição acumulativa não permite ao tempo uma pausa, o tempo para processar tudo o que acontece e atravessa a vida.

Como compreender o efeito de toda e tanta informação que atravessa a vida? Esta questão é apenas um desabafo do olhar sobre a aceleração, que passou a atropelar cotidianamente a condição pela necessidade do viver.

Para Larrosa (2016) “a experiência é a passagem da existência”, isso significa que a existência é algo singular, finita, imanente, contingente, e por isso traz em si a apreciação do tempo que acontece, que lhe permite a experiência, aquilo que é substancial e que merece ser lembrado, guardado e passado a diante como um tesouro.

Assim, o papel do narrador nesta escrita transitou entre a interlocutora/ colaboradora, a benzedeira, e a ouvinte pesquisadora. Que num segundo momento, após a vivência da escuta passa a exercer também a condição de narradora, na medida em que a descrição e a reflexão sobre a experiência dos encontros com a benzedeira, e a travessia do processo de pesquisa pediu pelo registro do que foi possível capturar para o campo da palavra escrita. Pensar sobre a metodologia da narrativa, foi uma posição que o narrado pode também nos convidar para um diálogo um pouco mais intenso nas considerações de Benjamin(1994), que se coloca a pensar a respeito da presença e importância do trabalho a partir das narrativas, que nos provoca o deslocamento para observar o ato de contar histórias.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se agrava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apode-

ra dele, ele escuta as histórias de tal maneira que lhe adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo.

E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (BENJAMIN, 1994, p.205).

Neste sentido ouvir e conservar a história de vida da D. Alzira é de certo modo uma das principais tarefas que o trabalho de pesquisa realizado a partir do contato com o benzimento se propôs a realizar, assim como apontado nas observações de Benjamin sobre a experiência. Ao considerar o regate das narrativas um movimento que carrega algo de valioso, como a maturação da experiência de uma vida que se apurou como um doce caseiro, repleta de sabedoria, de conselhos que transportam um valor inestimável frente a pobreza vazia de sentidos e sentimentos que direcionam o modo de vida moderno, que se coloca a cultivar uma realidade efêmera e movimentada capaz de negar o olhar sobre os detalhes. Ao atropelar e esterilizar as aspirações de vida que possam enriquecer a trajetória de tantas outras potências no vir-a-ser, de outros encontros e muitas escutas. Onde o tempo passa a ser roubado e o espaço da escuta silenciado. Rumo a um contra fluxo, Benjamin traduz o apreço pela autoridade do narrador, ao mesmo passo que o movimento desta escrita busca destacar que:

O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas se “dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequências, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação) (BENJAMIN, 1994, p.200).

Para findar a escrita deste texto, trago o que de mais valioso

aprendi com a escola do benzimento. Para as benzedeiças a escola do benzimento é a escola da vida, quando a simpatia dos olhares e do tempo devotado à escuta passam a firmar os acordos entre a mestra e sua discípula, o que por D. Alzira minha mestra, passou a ser definido por obrigações, uma relação íntima entre acordos e compromissos. Que se configuraram na dinâmica dos favores, e nos laços de confidências onde a narrativa, a escuta e a descrição foram métodos de demonstração de apreço e transmissão de algo valioso que atravessa gerações. Este processo de aprender o bem-fazer iniciou-se logo no primeiro encontro, onde uma série de rezas, de benzimentos e simpatias foram partilhadas, na medida em que a filha de D. Alzira, a Catarina sugeriu a possibilidade de transcrição de suas rezas, que estavam sendo gravadas naquele primeiro contato de partilha. E assim se estendeu para um caderno de rezas a manutenção e preservação de um saber que por meio da escuta germinou o solo para novos floresceres, onde educação também é transmissão de saberes.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v.1. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1981.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

OLIVEIRA, Débora P. **O encontro com a história de vida de uma mulher benzedeira**. Sorocaba, 2016-2018, 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós – Graduação em Educação, Departamento de Ciências Humanas e Educação. Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba/SP, 2018.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.9, n.18, p. 09-18, 1989.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2015.

RAGO, Luzia M. **A aventura de contar-se:** feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2013.